

Fundação Dom Cabral, em parceria com o Fórum Econômico Mundial, divulga relatório sobre o Futuro do Crescimento de 107 países

O Brasil tirou nota máxima em termos de recursos hídricos e concentração de oferta de alimentos. Mas marcou zero em igualdade econômica e em termos de polarização política

O estudo tem como objetivo analisar, de forma multidimensional, o andamento e a qualidade do crescimento econômico dos países, assim como os caminhos de desenvolvimento tomados por diferentes nações. O crescimento é medido pelo PIB per capita e sua variação nos últimos cinco anos. A escolha deste indicador tem relação com adoção de uma medida que realmente traga um resultado mais adequado para os ganhos de produtividade, uma vez que países populosos podem ter PIB alto, mas que não resultam em riqueza para os cidadãos.

Foi adotada uma metodologia comparativa entre as nações, sem a formatação de um *ranking*, garantindo as diversidades dos modelos de crescimento e em busca de caminhos para o futuro. 400 indicadores foram selecionados previamente para a análise dos dados, com uma seleção final de 84 indicadores, sendo 63 deles baseados em coleta de dados e 21 indicadores oriundos de uma *survey* eletrônica com foco em pesquisa de opinião com executivos em cargos de tomada de decisão e importantes formuladores de políticas públicas nos países participantes.

Para analisar o potencial de crescimento, o relatório observa 4 pilares: inovação, inclusão, sustentabilidade e resiliência, segundo os aspectos talento, recursos, financeiro, pesquisa e tecnologia e institucional como subitens. Como não há mais o formato de *ranking*, os indicadores são combinados para formar uma pontuação geral em uma escala de 0-100 pontos, a partir de metodologia proprietária única e resultando em um índice.

- 1- **Inovação:** capacidade de uma economia em absorver e evoluir diante de novos avanços tecnológicos, sociais, institucionais e organizacionais. Os critérios de análise adotados para avaliar a capacidade de inovação dos países seguem um viés além do modelo clássico associado a pesquisa e desenvolvimento (P&D):
 - a. Talento: disponibilidade de talento, considerando nível educacional e habilidades digitais e tecnológicas.
 - b. Recursos: porcentagem da população com acesso à cobertura de rede móvel, capital de conhecimento através de tecnologia disponível e oferta inovadora de bens e serviços básicos.
 - c. Financeiro: disponibilidade de financiamento a longo prazo e de capital de risco para pequenas e médias empresas e concessão de crédito doméstico ao setor privado.
 - d. Pesquisa e tecnologia: presença de cultura e competição empresarial favoráveis, de acordo com o número de pedidos de patentes, pedidos de marcas registradas e publicações científicas, refletindo nas exportações de serviços avançados e nos investimentos em pesquisa e desenvolvimento.
 - e. Institucional: qualidade regulatória, considerando a presença de capital humano no setor público e estabilidade política.

- 2- **Inclusão:** capacidade de uma economia de envolver todos os cidadãos em suas oportunidades e benefícios.

- a. Talento: promoção da distribuição de renda, inclusão na força de trabalho e igualdade na educação, considerando mobilidade social, acesso à saúde para todos e paridade de gênero na força de trabalho.
- b. Recursos: acesso à elementos como transporte, moradia, dieta saudável, água potável, eletrificação e internet.
- c. Financeiro: desigualdade de riqueza e acesso a serviços financeiros, contas bancárias e poupança.
- d. Tecnologia: paridade de gênero em profissões intensivas em conhecimento e inclusão em posições de liderança, tendo em vista o custo associado à tecnologia da informação e comunicação.
- e. Institucional: garantia de direitos civis, participação política, inclusão em espaços públicos e igualdade de oportunidade no setor público.

3- Sustentabilidade: capacidade de uma economia de manter uma estratégia ecológica dentro dos limites ambientais ao longo da sua trajetória. Importante o entendimento da vinculação deste tema aos desenvolvimentos a partir da inovação, talentos e impacto para o crescimento de um país.

- a. Talento: capital humano competências para a transição verde e energética, assim como o nível de entendimento sobre meio ambiente e natureza.
- b. Recursos: integridade da biodiversidade, considerando fatores como emissões anuais de gases de efeito estufa, consumo de energia renovável, danos ambientais agrícolas, captação total de água e quantidade total de resíduos.
- c. Financeiro: investimento em energia renovável.
- d. Tecnologia: quantidade de patentes verdes e comércio de tecnologia ambiental.
- e. Institucional: regulamentação energética, tratados ambientais e subsídios a combustíveis fósseis.

4- Resiliência: capacidade de uma economia de resistir e se recuperar de choques externos às crises financeiras.

- a. Talento: envelhecimento da força de trabalho, tendo em vista investimento na reciclagem de habilidades, participação em treinamento de meio de carreira e preenchimento de vagas por mão de obra estrangeira.
- b. Recursos: concentração de produtos de exportação e no fornecimento de alimentos e commodities, assim como diversificação de fontes de energia, recursos hídricos e qualidade de infraestrutura.
- c. Financeiro: risco de inadimplência e resiliência do sistema financeiro, considerando a concentração bancária e classificação de crédito no país.
- d. Tecnologia: concentração no fornecimento de tecnologia.
- e. Institucional: legitimidade do estado, polarização social, estabilidade política, adaptação governamental e percepção de corrupção.

RESULTADOS

- **INOVAÇÃO**

O estudo aponta que existe um amplo potencial para crescimento e com melhorias significativas a serem alcançadas, em especial, na minimização de riscos potenciais para novos choques externos, adaptação frente a inovações tecnológicas e demandas por sustentabilidade.

Para o item inovação, a pontuação geral alcançada pelos países que participaram das análises foi de 45,2, item de menor pontuação entre os pilares analisados, ressaltando a importância de

maiores investimentos em pesquisa e desenvolvimento em escala global e da implementação eficaz de novas tecnologias digitais.

Além disso, é importante ressaltar a busca por uma maior maturidade para inovação, passando por maiores investimentos públicos como indutores desta agenda, empresas privadas direcionando esforços financeiros na contratação de mão de obra qualificada e pela elaboração clara de uma estratégia para o desenvolvimento de novos produtos em aderência ao momento atual

Em comparação aos outros fatores, inclusão (55,9) foi o item de maior pontuação neste relatório, indicando um esforço mundial para promover oportunidades igualitárias e na promoção de ações em busca da diversidade.

A média global em resiliência foi de 52,8, o que pode ser explicado pela pandemia do COVID-19, em que foi necessária uma resposta coordenada entre os países para respostas aos impactos econômicos e sociais.

Por último, sustentabilidade apresentou pontuação de 46,8, demonstrando a implementação em uma fase intermediária de práticas sustentáveis e o compromisso global com a urgência dos problemas ambientais.

Apesar de cada país ter um caminho de crescimento específico, de acordo com suas circunstâncias, o relatório agrupou os países que possuem características semelhantes em sete arquétipos de crescimento, com alguns subtipos, possibilitando o aprendizado com decisões tomadas por nações em condições parecidas. Esses grupos não são rígidos, visto que nem todos os países se encaixam perfeitamente em um único arquétipo, pois é apenas uma metodologia adotada para mostrar padrões de decisões passadas. Dessa forma, é possível que um país se encontre em mais de um arquétipo, como o Brasil. Os arquétipos são:

- 1- **Arquétipo A são economias de renda alta**, como Suíça, Finlândia, Suécia, Japão e Coreia do Sul, com crescimento impulsionado pela inclusão e pela inovação, tendo um desempenho um pouco mais baixo, mas ainda acima da média, em sustentabilidade.
- 2- **Arquétipo B são os países com crescimento impulsionado pela inclusão e inovação**, porém com desempenho baixo em sustentabilidade, como Nova Zelândia, Luxemburgo, Singapura e Estados Unidos.
- 3- **Arquétipo C reúne os países com crescimento moderado, mas equilibrado, e com desempenho acima da média em sustentabilidade**, como Brasil, Chile, Jordânia, Itália, Gana, entre outros.
- 4- **Arquétipo D são países com crescimento relativamente alto em transição para um caminho mais inovador, inclusivo e resiliente**, como Armênia, Bulgária, Malta, Malásia, Polônia, Panamá, entre outros.
- 5- **Arquétipo E tem países com crescimento dependente de recurso**, como Bahrein, Cazaquistão, Kuwait, Mongólia e Arábia Saudita.
- 6- **Arquétipo F inclui países com crescimento impulsionado pela eficiência, desenvolvendo inovação, inclusão e resiliência em uma base simples com uma visão ambiental reduzida**, como Brasil, Índia, Colômbia, Chade, Nigéria, Paquistão, Congo, entre outros.
- 7- **Arquétipo G tem países com inovação, inclusão e resiliência equilibrados, mas abaixo da média, apresentando desempenho relativamente forte em sustentabilidade**, como Bangladesh, Bósnia-Herzegovina, República Dominicana, Egito e Turquia.

Pontuações mundiais na metade do desejado

As médias mundiais nos pilares analisados ficaram em torno de 50, indicando um grande espaço para crescimento e desenvolvimento. Nesse sentido, os

	<p>países devem se dedicar ao fortalecimento de suas economias, investindo em inovação, políticas inclusivas, práticas sustentáveis e na resistência de seus sistemas econômicos.</p>
<p>Inclusão como pilar com melhor média mundial</p>	<p>Inclusão foi o pilar que obteve a maior pontuação, demonstrando que a pauta se tornou prioridade para muitos governos, que vem buscando a igualdade e equidade nas mais diversas áreas.</p>
<p>Inovação como pilar com pior média mundial</p>	<p>Inovação obteve a pior média, sendo assim, necessitam-se de um maior investimento por parte dos países em pesquisa e desenvolvimento e na aplicação desses conhecimentos.</p>
<p>Vantagens para um crescimento brasileiro pautado, na matriz energética, infraestrutura de telecomunicações e recursos naturais</p>	<p>O Brasil destaca-se positivamente em recursos hídricos e produção agrícola, conferindo-lhe resiliência a eventos que afetam esses suprimentos essenciais. A infraestrutura de telecomunicações oferece potencial para impulsionar negócios, promover inclusão e sustentabilidade, destacando-se pela boa presença de capital e cobertura de rede móvel. A diversificação da matriz energética e os investimentos em energias renováveis posicionam o Brasil de forma vantajosa diante das crescentes tendências de transição energética e descarbonização.</p>
<p>Necessidade por maior inclusão distribuição de riqueza desafiam o futuro do crescimento brasileiro</p>	<p>O relatório do Futuro do Crescimento identifica barreiras de inclusão no Brasil, destacando a necessidade de maior distribuição de riqueza, renda e acesso a serviços financeiros. O investimento em educação é apontado como crucial para combater a desigualdade de renda, e a Suíça serve como exemplo, destacando a importância de recursos públicos para educação de base e um amplo sistema de ensino técnico. Apesar dos avanços como o PIX e a moeda digital Drex, a exclusão financeira persiste, destacando a importância de ações para promover maior inclusão digital e acessibilidade ao sistema financeiro no Brasil.</p>
<p>Ampliação no desenvolvimento de patentes e marcas comerciais para impulsionar a geração de ativos para crescimento</p>	<p>A produção de patentes e marcas comerciais, protegendo ativos que impulsionem a riqueza do país, são essenciais para alavancar o crescimento do país. Além disso, o foco no desenvolvimento de patentes verdes, ligadas a tecnologias sustentáveis, torna-se essencial para o crescimento brasileiro diante de desafios como a transição energética e crises climáticas. Estratégias adotadas por países referência incluem incentivos fiscais, processos ágeis de registro e investimento em parcerias público-privadas em centros de desenvolvimento tecnológico.</p>

Maiores investimentos em Upskilling e Reskilling

As macrotendências digitais estão alterando profundamente as habilidades essenciais para a competitividade das empresas em meio à transformação digital. Diante disso, torna-se imperativo que as empresas adotem uma agenda de "upskilling" para aprimorar competências existentes e "reskilling" para adquirir novas habilidades, garantindo adaptação ao novo ambiente digital.

No fator Inovação, a Suíça mantém uma posição de destaque com a pontuação mais alta, 80,4. O país investe mais de 3% do seu PIB em Pesquisa e Desenvolvimento, realizando grandes investimentos em educação e promovendo a colaboração entre universidades e indústrias na busca por conhecimento e soluções. O resultado disso pode ser observado no grande número de patentes registradas anualmente, com 8.442 em 2021, sendo o maior número global há anos.

Em seguida, Singapura se destaca com uma pontuação de 76,43, sendo considerada o país mais inovador da Ásia, também com uma forte conexão entre instituições públicas e privadas como estratégia para o desenvolvimento de inovação. Além disso, o país investe muito em educação e tecnologia, visando qualificar profissionais e desenvolver uma economia digital baseada no conhecimento. Outro destaque é a Suécia (74,92), que tem como compromisso o investimento de mais de 3% do PIB em P&D, além de ocupar a primeira posição em número de pesquisadores e infraestrutura empresarial.

Inovação					
Destques		Piores pontuações		Melhores pontuações	
Mundo	45,2	lêmen	17,98	Suíça	80,37
Brasil	41,81	Angola	17,97	Singapura	76,43
Chile	46,23	Congo	21,88	Suécia	74,92
Índia	40,23	Serra Leoa	22,27	Dinamarca	73,40
México	37,88	Chade	22,27	Estados Unidos	74,09
		Honduras	28,64	Holanda	73,30
		Lesoto	29,65	Alemanha	69,41
		Zimbábue	29,72	Coreia do Sul	68,81
		Nepal	31,46	Reino Unido	68,45
		El Salvador	31,55	Finlândia	68,03

- **INCLUSÃO**

A Suíça também obteve a melhor pontuação em Inclusão (77,89), visto que, na questão de gênero, pode-se observar uma participação notável das mulheres na política, com 42% dos

representantes no parlamento e 43% nos ministérios. Já a Finlândia conseguiu o segundo melhor resultado, com uma nota de 77,89, o que pode ser explicado pela ação do país na promoção de emprego, educação e inclusão para minorias étnicas, como os ciganos, grupo marginalizado na Europa. Por último, a Islândia conquistou uma pontuação de 77,6 e foi o único país que conseguiu reduzir a lacuna de gênero em mais de 90%, principalmente na política e na economia, mas ainda tendo outras questões a serem melhoradas.

Inclusão					
Destques		Piores pontuações		Melhores pontuações	
Mundo	55,9	Iêmen	22,13	Suíça	77,86
Brasil	55,31	Chade	23,83	Finlândia	77,68
Chile	64,89	Congo	27,51	Islândia	77,67
Índia	41,69	Angola	27,74	Dinamarca	77,64
México	51,46	Serra Leoa	29,42	Nova Zelândia	76,98
		Mali	32,58	Austrália	76,27
		Camarões	33,06	Holanda	75,93
		Lesoto	33,67	Canadá	75,8
		Malawi	34,86	Suécia	75,78
		Zimbábue	35,22	Estônia	75,63

- **SUSTENTABILIDADE**

Países como Chade (63,78), Jordânia (61,8) e Zimbábue (59,98) se destacam com as melhores pontuações em Sustentabilidade, mesmo fazendo parte do grupo de renda média baixa. A República do Chade sofre seriamente com os impactos das mudanças climáticas, devido à desertificação do Lago Chade, porém o país vem recebendo apoio de instituições internacionais, como o Fundo Verde para o Clima e Banco Mundial, em projetos de conservação ambiental e desenvolvimento sustentável. Por outro lado, a Jordânia investiu em fontes de energia renováveis, visto que 93% da sua energia tinha que ser importada, o que correspondia a 8% do PIB, além do aumento da eficiência energética e redução do consumo. Por último, o Zimbábue se aproveitou da biodiversidade presente em seu território para desenvolver sua economia de forma sustentável, por meio do turismo de natureza e comercialização de produtos florestais, correspondendo a 6,3% do PIB em 2019.

Sustentabilidade					
Destques		Piores pontuações		Melhores pontuações	
Mundo	46,8	Mongólia	24,4	Suécia	62,87
Brasil	55,99	Cazaquistão	28,91	Chade	62,05
Chile	49,47	Kuwait	29,75	Jordânia	58,23

Índia	56,03	Bahrein	30,81	Ruanda	58,23
México	46,66	Luxemburgo	31,15	Finlândia	57,99
		Venezuela	33,11	Quênia	57,24
		Arábia Saudita	35,02	Vietnã	56,87
		Irã	35,49	Malawi	56,85
		Malta	36,44	Zimbábue	56,21
		Catar	37,41	Índia	56,04

- **RESILIÊNCIA**

No item Resiliência, Luxemburgo (72,57), Nova Zelândia e Finlândia (71,25) alcançaram pontuações altas, visto que são economias diversificadas e estáveis, conseguindo se adaptar de forma ágil e eficiente a mudanças. Após a crise da pandemia do COVID-19, Luxemburgo estabeleceu um plano de recuperação, com reformas e investimentos em diversas áreas, como transição energética, digitalização, empregabilidade e formação profissional, para impulsionar o crescimento a longo prazo. Para resolver a escassez de trabalhadores qualificados em setores estratégicos, 1,5 milhões de euros foram investidos em programas de formação profissional, visando desenvolver competências sociais digitais relevantes para o mercado de trabalho. Além disso, 12,7 milhões foram destinados à modernização e digitalização da administração e dos serviços públicos.

Já a Nova Zelândia conseguiu se recuperar bem da crise, com uma resposta sanitária rápida associada com políticas fiscais e monetárias eficientes. Além disso, o país, por ser centrado na exportação de *commodities*, focou na diversificação dos produtos para reduzir sua dependência de outros mercados.

Assim como outros países europeus, a Finlândia também adotou esse tipo de plano, sendo inicialmente prometido 2,1 bilhões de euros de financiamento da União Europeia. Porém, a economia finlandesa conseguiu se desenvolver melhor que o previsto, tendo em vista que foi uma das menos afetadas na Europa pela crise, devido à atuação eficaz do governo, o que culminou na redução do financiamento para 1,95 bilhões de euros. Nesse sentido, 90 milhões de euros foram destinados a medidas para o aumento da taxa de emprego e fortalecimento do mercado de trabalho, enquanto 254 milhões para pesquisa e desenvolvimento em transição energética e digital, visando fortalecer sua economia.

Resiliência					
Destques		Piores pontuações		Melhores pontuações	
Mundo	52,8	Iêmen	27,57	Luxemburgo	72,57
Brasil	51,98	Lesoto	29,96	Nova Zelândia	72,43
Chile	57,36	Chade	33,16	Finlândia	71,25
Índia	51,21	Zimbábue	34,97	Suécia	71,02
México	46	Venezuela	35,82	Suíça	69,92

		Congo	35,68	Austrália	69,47
		Mali	35,62	Áustria	68,79
		Irã	38,88	Dinamarca	68,51
		Angola	40,49	Japão	66,34
		Nigéria	40,61	Holanda	65,89

RESULTADOS DO BRASIL

O Brasil, com PIB per capita PPP (paridade poder de compra) de USD\$16.402 (cerca de R\$81.000) considerado no relatório como um país do grupo de renda média alta, registrou, durante o período de 2018 a 2023, um crescimento de 1,22% no PIB. Em termos de qualidade desse crescimento, o país obteve pontuações de 41,8 em Inovação, 55,3 em Inclusão, 55 em Sustentabilidade e 52 em Resiliência.

Esses resultados não destoam muito da média mundial, porém devem ser aprimorados, por meio de políticas públicas e estratégias organizacionais que aderecem os principais desafios atuais, para potencializar o crescimento sustentável diante de novas tendências emergentes no âmbito tecnológico, social e político.

O Brasil apresenta alguns destaques positivos que podem potencializar um crescimento promissor frente a macrotendências. Por exemplo, a disponibilidade de recursos hídricos e a maior concentração de oferta de alimentos, devido à forte produção agrícola do país, ampliam a resiliência a eventos que impactam o suprimento desses recursos básicos.

A infraestrutura de telecomunicações é outro elemento que se sobressai e pode apoiar o desenvolvimento de negócios e a promoção de inclusão e sustentabilidade no país, uma vez que o 5G habilita ganhos de produtividade e o estabelecimento de novas tecnologias. Os resultados do país indicam boa presença de capital e custo reduzido em tecnologias da informação e comunicação (TICs), bem como boa cobertura de rede móvel. Assim, o Brasil possui uma oportunidade para ampliar a vanguarda para adoção de infraestrutura em telecomunicações.

Por fim, a matriz energética brasileira, seja pela sua diversificação relativa bem como pelo investimento em energia renovável, colocam o país em uma posição vantajosa frente a tendências crescentes de transição energética e descarbonização.

Porém, os desafios para crescimento futuro das economias abrangem mais elementos, que demandam esforços por parte de instituições privadas e públicas.

Resultados dos principais indicadores para Brasil

Indicadores	Pontuação	Pilar
Indicadores de maior pontuação		
Recursos hídricos	100	Resiliência
Concentração da oferta de alimentos	100	Resiliência
Acesso à eletricidade em zona rural	97,5	Inclusão
Índice de segurança cibernética	96,6	Resiliência
Custo em TICs	94	Inclusão

Cobertura de rede móvel	92,4	Inovação
Investimento em energia renováveis	91,0	Sustentabilidade
Adesão a tratados ambientais	89,7	Resiliência
Subsídio a combustíveis fósseis	85,1	Sustentabilidade
Diversificação de fonte de energia	83,6	Resiliência
Indicadores de menor pontuação		
Distribuição de renda	18,3	Inclusão
Capacidade nacional de atendimento emergencial em saúde	16,7	Resiliência
Treinamento para profissionais em meio de carreira	13,8	Resiliência
Capital em TIC	13,3	Inovação
Registro de marcas	13,0	Inovação
Acesso a contas bancárias e poupança	11,8	Inclusão
Exportações de serviços avançados	8,1	Inovação
Patentes	2,4	Inovação
Patentes verdes	1,6	Sustentabilidade
Iniquidade econômica	0	Inclusão
Polarização política	0	Resiliência

O QUE AINDA PRECISA SER RESOLVIDO

A construção de uma agenda para o futuro de crescimento do Brasil, deve considerar alguns pontos de atenção que precisam ser endereçados nos próximos anos, considerando esforços de instituições públicas e privadas para isso. Os tópicos a seguir exploram alternativas para uma agenda pró-crescimento.

Atenção 1: Propriedade intelectual

O desenvolvimento e a aplicação de propriedade intelectual desempenham um papel importante na geração de soluções para que a economia seja capaz de absorver e evoluir diante de novos progressos tecnológicos, sociais, institucionais e organizacionais.

Para avançar no tema, além dos esforços brasileiros na produção de publicações científicas que se destaca frente à média global, é necessária a produção de conhecimento em forma de patentes e marcas comerciais, fomentando a aplicação e proteção de ativos capazes de gerar riqueza para empresas e o país.

Além disso, o maior desenvolvimento de patentes verdes, associadas a tecnologias que minimizam impactos ambientais e promovam sustentabilidade, são essenciais para o crescimento brasileiro futuro no contexto de transição energética e crises climáticas.

Dessa forma, algumas estratégias já adotadas por países que se destacam nessa pauta, apresentam-se como importantes para fomentar o desenvolvimento de patentes e marcas comerciais, entre elas: maior oferta de incentivos fiscais para empresas que patenteiam suas

inovações; adoção e melhoria de processos mais ágeis para registro; e maior investimento em parcerias público privados em centros de desenvolvimento tecnológico.

Atenção 2: Maior inclusão no sistema financeiro

Melhores condições do crescimento do futuro, abrangem algumas barreiras de inclusão a serem ultrapassadas no Brasil, conforme dados coletados e analisados no relatório do Futuro do Crescimento. Dentre elas, destacam-se: maior distribuição de riquezas e renda e ampliação do acesso a contas bancárias pela população.

Relacionado à desigualdade de renda existente no país, o investimento em educação se apresenta como ação indispensável para reverter esse cenário. Estratégias e políticas adotadas pela Suíça indicam lições importantes que podem ser adotadas em maior escala no Brasil, entre elas: maiores recursos públicos para educação de base e um amplo sistema de ensino técnico que promova a inserção de jovens no mercado de trabalho.

Além disso, a redução da desigualdade financeira também está associada ao percentual da população adulta que ainda não possui acesso à conta bancária no Brasil. Apesar de avanços inovadores do Banco Central com a homologação do PIX e desenvolvimento da nova moeda digital brasileira Drex, essas novas soluções e outros serviços financeiros não são acessados por parte da população (criação de conta poupança, realização de transações bancárias e acesso a linhas de crédito para investimento ou emergências). Nesse quesito, ações para maior inclusão digital são indispensáveis para maior acessibilidade ao sistema financeiro.

Atenção 3: Upskilling e reskilling

As macrotendências digitais estão transformando de maneira significativa as habilidades necessárias para que as empresas permaneçam competitivas e operem efetivamente no cenário de transformação digital.

A pesquisa conduzida pela Fundação Dom Cabral, em colaboração com o Fórum Econômico Mundial em 2023, sobre o Futuro do Trabalho previu que 44% das habilidades dos trabalhadores no Brasil devem sofrer alterações nos próximos cinco anos e que 60% da força de trabalho atual vai necessitar de treinamentos.

Nesse contexto, é imperativo que as empresas adotem uma agenda para "upskilling" (aperfeiçoamento de competências existentes) e "reskilling" (aquisição de competências totalmente novas) para se adaptarem ao novo ambiente da transformação digital.

Desafios para políticas públicas e desenvolvimento do ecossistema tecnológico

Se analisarmos os indicadores do Brasil transversalmente, isto é, não com base nos quatro pilares de crescimento (inovação, inclusão, sustentabilidade e resiliência), mas nos cinco ecossistemas estruturantes (ecossistema de talentos, ecossistema de recursos, ecossistema financeiro, ecossistema tecnológico e ecossistema institucional) observamos que o Brasil apresenta significativas fragilidades no ecossistema tecnológico com pontuação média de 37,1.

A fragilidade no ecossistema tecnológico, que se reflete nos indicadores de impacto, como percentual de exportações de serviços avançados (com apenas 1,5% do PIB ou 8,1 pontos), no registro de patentes (2,40 pontos) ou de marcas (com 13 pontos), não faz jus aos significativos investimentos em P&D realizados no país (1,2% do PIB), que apesar de serem baixos, quando comparados com os países mais desenvolvidos (Coreia do Sul 4,8%, EUA 3,4%, Japão 3,3% Suíça 3,2%), são elevados quando comparamos o Brasil com outras nações latino-americanas (Chile

0,3%, México 0,3%) e mesmo com as grandes economias emergentes (Índia 0,7%, África do Sul 0,6%), refletindo o empenho e a continuidade das políticas de fomento e investimento em PD&I no país.

A análise dos indicadores utilizados neste relatório e a possibilidade de comparação com outros países sugere que talvez seja necessário que o país implemente políticas que incentivem a proteção intelectual, oferecendo benefícios fiscais e reduzindo a burocracia para o registro de patentes e marcas. Para efeitos comparativos, os EUA tiveram 49.974 patentes registradas nos últimos três anos e 3 marcas registradas para cada 1000 habitantes em 2022, o Japão 67.223 patentes e 2 marcas por 1000 habitantes, e a Coreia do Sul 22.938 patentes e 6 marcas por 1000 habitantes em 2022. Já o Brasil teve 480 patentes registradas e 2 marcas por 1000 habitantes no mesmo ano.

Outros mecanismos podem ser o estímulo à cooperação internacional do setor de tecnologia, promovendo a participação de pesquisadores, empreendedores e empresas brasileiras em eventos e feiras internacionais, estabelecendo parcerias estratégicas com outros países e a criação de programas de incentivo para a adoção de tecnologias emergentes, como inteligência artificial e descarbonização, em setores estratégicos da economia. O foco destas ações deve ser a abertura de novos negócios e geração de riqueza para o Brasil.

O que é crescimento econômico?

As análises sobre o desempenho competitivo de países e cenários de longo prazo usualmente são metodologias importantes para avaliar o potencial de crescimento, destacando indicadores macroeconômicos e modelos de política econômica adotados. Em geral, sempre é importante analisar o comportamento estrutural de um país, a qualidade dos gastos públicos, ambiente regulatório e das instituições, mensurando o impacto na qualidade de vida dos cidadãos. O crescimento econômico é uma variável importante para determinar o futuro de uma nação, mediante reformas necessárias, estimulando o investimento e ganhos de produtividade.

Neste sentido, os países devem buscar:

- Fomentar investimentos públicos e privados alinhados ao contexto internacional e ao seu custo de capital;
- Modernizar a sua infraestrutura e otimizar os gastos públicos para prover um ambiente saudável para a atração e promoção dos investimentos;
- Adotar uma administração pública eficiente, respeitando a qualidade do gasto e políticas fiscais, sempre respeitando as instituições;
- Desenvolver um ambiente econômico eficiente, estimulando a inovação, investimentos em qualificação de mão de obra e a promoção da igualdade social;
- Analisar dados de maneira estratégica e promover políticas públicas setoriais, estimulando o desenvolvimento de negócios em escala nacional e internacional;
- Garantir o funcionamento das instituições, gerando sinergias e convergência entre os poderes públicos na tomada de decisão;
- Aumentar o poder de compra dos cidadãos para reduzir as desigualdades de renda e pobreza;
- Modernizar a visão do crescimento econômico, incluindo temas como as novas tecnologias digitais e sustentabilidade, tanto para as organizações públicas, quanto privadas.

Para alcançar estes objetivos, os países devem se posicionar de forma mais competitiva, adaptando-se rapidamente às mudanças e inovando de forma contínua para atender as expectativas de desenvolvimento e as novas demandas do mundo moderno.

“O modelo clássico de avaliação para o crescimento econômico dos países envolve temas como investimentos em infraestrutura pública, na formação de capital humano e no desenvolvimento de novos modelos de ensino, inserindo temas como inovação, empreendedorismo, sustentabilidade e as novas tecnologias no digital. No entanto, é preciso garantir que todos estes fatores gerem externalidades positivas, isto é, promovam um ambiente para negócios, estimulem novas empresas, atraiam capital externo e garantam impacto na renda per capita. Para tanto, os diferenciais essenciais são a qualidade da gestão pública, o aumento os níveis de poupança e novos investimentos. Sem inovação, pesquisa e desenvolvimento e inclusão, estas agendas tornam-se mais desafiadores”, reforça Hugo Tadeu, diretor do Núcleo de Inovação e Empreendedorismo da Fundação Dom Cabral.

Para Carlos Arruda, presidente da FAPEMIG e professor associado de inovação e competitividade da Fundação Dom Cabral, "o crescimento sustentável de uma nação reside essencialmente em sua habilidade de fomentar o desenvolvimento humano e impulsionar práticas inovadoras que solucionem desafios atuais, gerando valor para o futuro. É imperativo que esse progresso promova igualdade social e sustentabilidade, construindo alicerces robustos para uma sociedade mais justa e equilibrada".

Histórico do relatório

Desde 1979, o *World Economic Forum* publica o Relatório de Competitividade Global, servindo como metodologia para a análise da produtividade econômica e para a formulação de políticas públicas. O relatório é organizado em 12 pilares: instituições, infraestrutura, adoção de tecnologias da informação e comunicação, estabilidade macroeconômica, saúde, habilidades, mercado de produtos, mercado de trabalho, sistema financeiro, tamanho de mercado, dinamismo empresarial e capacidade de inovação, em que os países são classificados. Em 2019, a última edição do Relatório de Competitividade Global nesse modelo foi publicada, contando com 141 países analisados. Em 2020, foi publicado uma edição especial com a participação de 37 países focando na recuperação e transformação econômica pós pandemia do COVID-19.

Devido ao ambiente de incerteza do mundo atual, marcado por crises climáticas, tecnológicas, econômicas e políticas, o WEF se adaptou à nova realidade e aderiu a uma iniciativa mais focada na qualidade do crescimento, substituindo o Relatório de Competitividade Global pelo Relatório sobre o Futuro do Crescimento, sendo a sua primeira versão publicada agora, em janeiro de 2024. A proposta do novo relatório busca entender a natureza e a direção do crescimento econômico, indo além da classificação dos países, como era feito no relatório anterior. Para isso, houve redução dos 12 pilares para apenas 4: inovação, inclusão, sustentabilidade e resiliência, refletindo um enfoque no crescimento econômico.

Sobre o Fórum Econômico Mundial (WEF)

O WEF é uma organização internacional público-privada, com foco em engajar líderes de organizações públicas e privadas em busca do crescimento da sociedade, das economias e indústrias em geral (www.weforum.org).

Sobre a Fundação Dom Cabral

A FDC é uma escola de negócios brasileira com mais de 47 anos, que está entre as melhores do mundo e na 7ª posição dentre as instituições de educação executiva participantes do ranking do jornal inglês Financial Times 2023. Oferece uma abordagem educacional diferenciada: o UNI(CO), que cria experiências consistentes, contínuas e com impacto positivo em seus três pilares de atuação: Educação Executiva, Acadêmica e Social para pessoas, organizações e o mundo. Consegue combinar em sala de aula: inteligência com afetividade, rigor científico com aplicabilidade e desempenho com progresso social, mostrando o seu jeito de fazer educação. Sempre acompanhando as transformações globais, tem como missão contribuir para o desenvolvimento sustentável da sociedade por meio da educação, capacitação e desenvolvimento de executivos, empresários e gestores públicos. Cerca de 46 mil profissionais passaram pela instituição em 2022. No âmbito da Educação Social, o FDC - Centro Social Cardeal Dom Serafim foi concebido para apoiar jovens em situação de vulnerabilidade social, empreendedores populares, organizações sociais e seus gestores, por meio do desenvolvimento e capacitação. A escola também tem o portal [Seja Relevante](#), que democratiza o acesso a conteúdos proprietários e a informações relevantes sobre carreira, gestão, negócios e impactos positivos.

Equipe da FDC responsável pelo Relatório no Brasil

Hugo Tadeu

Diretor do Núcleo de Inovação e Empreendedorismo da FDC
Conselheiro de administração e consultivo em organizações brasileiras
Pós-doutor pela Sauder School of Business, Canadá
Contatos sobre o estudo: hugo.tadeu@fdc.org.br

Carlos Arruda

Presidente da FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais
Professor Associado do Núcleo de Inovação e Empreendedorismo da FDC
PhD em Administração pela University of Bradford, Reino Unido

Rodrigo Penna

Pesquisador do Núcleo de Inovação e Empreendedorismo da FDC
Mestrando em Administração pela FDC

Bruna Diniz

Pesquisadora do Núcleo de Inovação e Empreendedorismo da FDC
Graduanda em Relações Internacionais pela PUC Minas

